

Fever
**Sublime
Sedução**

Tradução de Teresa Martins de Carvalho

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



KAREN  MARIE
MONING



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Este é para os Maníacos da Moring — os melhores fãs
que qualquer escritor jamais teve.

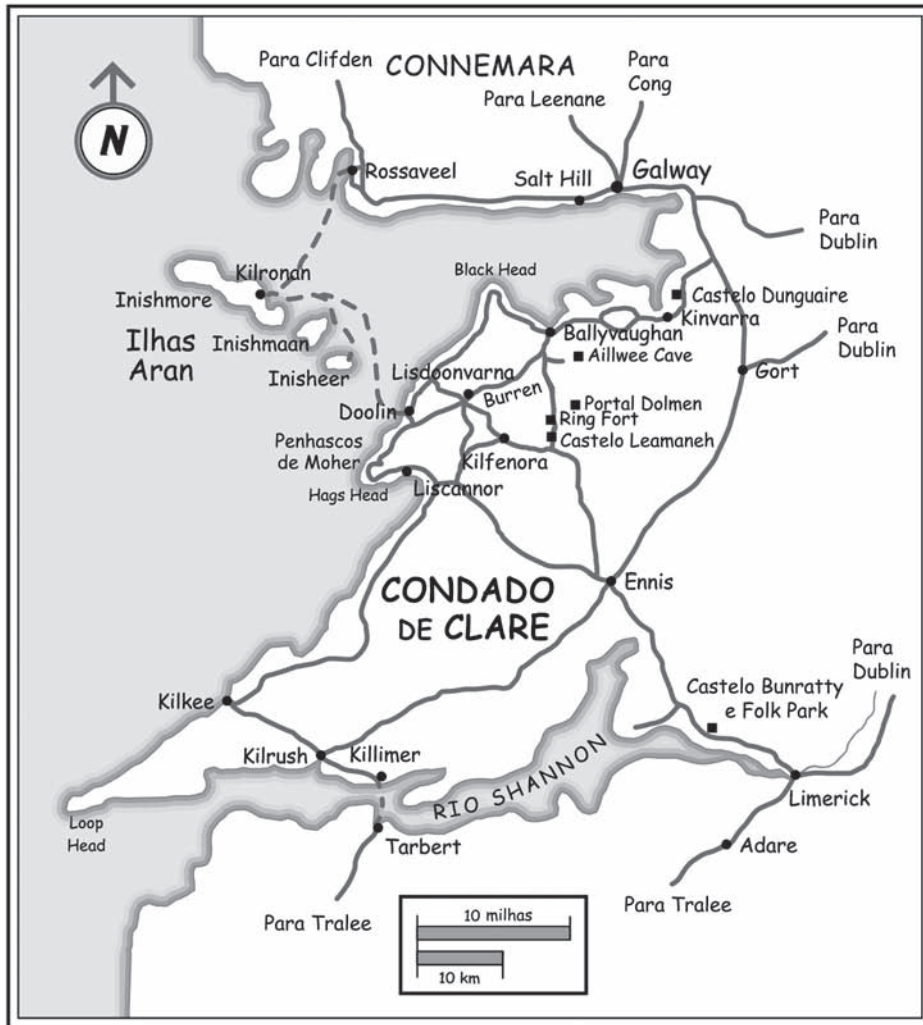
«E vou mostrar-te uma coisa ao mesmo tempo diferente
Da tua sombra quando ao amanhecer te segue
E da tua sombra quando ao entardecer te enfrenta;
Vou mostrar-te o medo num punhado de poeira.»
— T. S. ELIOT, *A TERRA DEVASTADA*¹

«Não vás tão gentilmente nessa boa noite escura...
Raiva, raiva, contra a morte da luz que fulgura.»²
— DYLAN THOMAS

¹ *The Waste Land*, tradução de Gualter Cunha, Relógio D'Água Editores. (N. da T.)

² Do poema “*Do not go gentle into that good night*”, traduzido por Rodrigo Suzuki Cintra, in rsuzukicintra.blogspot.pt. (N. da T.)





PARTE UM

Pré-Alvorada

«Estou sempre à espera de acordar e descobrir que foi tudo um pesadelo.

A Alina estará viva,

Eu não terei medo do escuro,

Não haverá monstros a caminhar pelas ruas de Dublin,

E eu não terei este medo horrível de que
amanhã simplesmente não desponte a alvorada.»

— *DIÁRIO DE MAC*



Prólogo

*P*or ele morreria.

Não, espera aí... não é aqui que isto é suposto começar.

Bem o sei. Mas, deixada por minha conta e risco, preferiria saltar os acontecimentos das próximas semanas e dar-vos um vislumbre desses dias com detalhes abreviados que me apresentem a uma luz mais lisonjeadora.

Ninguém fica bem nas suas horas mais negras. Mas são essas horas que fazem de nós o que somos. Aguentamos firme, ou encolhemo-nos. Emergimos vitoriosos, temperados pelas nossas provações, ou fraturados por permanente e condenatória falha.

Dantes nunca pensava em coisas como horas mais negras, provações e falhas.

Enchia os meus dias a tomar banhos de sol e fazer compras, a servir ao bar no The Brickyard (sempre mais pândega que trabalho, e era assim que gostava da minha vida) e a arquitetar maneiras de levar a minha mãe e o meu pai a ajudarem-me a comprar um carro novo. Aos vinte e dois anos, ainda vivia em casa, a salvo no meu mundo resguardado, embalada pelas indolentes e lentas ventoinhas de pás do Sul profundo, a crer-me o centro dele.

Até que a minha irmã, Alina, foi brutalmente assassinada enquanto estudava no estrangeiro, em Dublin, e o meu mundo mudou do dia para a noite. Já foi suficientemente mau ter de identificar o seu corpo mutilado, e ver a minha família outrora feliz estilhaçar-se, mas o meu mundo não parou de ruir aí. Não parou até que eu ficasse a saber que mais ou menos tudo em que tinha sido criada a acreditar a meu respeito não era verdade.

Descobri que os meus pais não eram os meus verdadeiros pais; que eu e a minha irmã éramos adotadas; e que apesar do meu indolente, ocasionalmente exagerado sotaque arrastado, não éramos de todo oriundas do Sul, mas descendíamos de uma antiga linhagem celta de videntes de *sidhe*, pessoas capazes de ver os Fae — aterrorizadora raça de seres de outro mundo que vivem secretamente entre nós há milhares de anos, a coberto de encantamentos e mentiras.

Essas foram as lições fáceis de aprender.

As lições duras ainda estavam por vir, à minha espera nas ruas cheias de *craic*³ do Temple Bar District de Dublin, onde haveria de ver pessoas a morrer, e aprender a matar; onde haveria de conhecer Jericho Barrons, V'lane e o Grande Mestre; onde haveria de dar entrada em cena como jogadora de monta num mortal jogo de fim do mundo.

Para aqueles de entre vós que só agora se juntam a mim, o meu nome é MacKayla Lane, abreviado para Mac. O meu verdadeiro apelido poderia ser O'Connor, mas não o sei ao certo. Sou uma vidente de *sidhe*, uma das mais poderosas que alguma vez viveram. Não só posso ver os Fae, como posso fazer-lhes mal e, armada de uma das suas mais sagradas Relíquias — a Lança de *Luin*, ou Destino —, posso mesmo matar os seres imortais.

Não se recostem descontraídos na cadeira. Não é apenas o meu mundo que está em sobressalto; é o vosso também. Está a acontecer, neste preciso momento, enquanto aí estão sentados, a mascar um *snack*, a prepararem-se para mergulhar numa escapadela ficcional. Adivinhem? Não se trata de ficção, e não há como escapar. As paredes entre os mundos dos humanos e das fadas estão a desmoronar — e odeio desfazer-vos a ilusão, mas estas fadas não são *de todo* umas Sininhos.

Se as paredes se abaterem por completo... bem, o melhor é terem esperança de que isso não aconteça. Se eu fosse a vocês, acendia, e já, as luzes. Deitava mão a umas quantas lanternas. Verificava a provisão de pilhas.

Vim para Dublin por dois motivos: descobrir quem matou a minha irmã, e vingar-me. Vingança com V maiúsculo. Vingança com ossos esmagados e uma data de sangue. Quero o seu assassino morto, de preferência pela minha própria mão. Uns quantos meses aqui e livre-me de *anos* de polidas civilidades sulistas.

Pouco depois de sair do avião proveniente de Ashford, Geórgia, e de plantar o meu pezinho bem tratado nas costas da Irlanda, provavelmente teria morrido não fosse tropeçar numa livraria, propriedade de Jericho Barrons. Quem ou o que ele é, não faço ideia. Mas tem conhecimentos de que eu preciso, e eu tenho algo que ele quer, e isso faz de nós relutantes aliados.

Quando não tinha para onde me virar, Barrons acolheu-me, ensinou-me quem e o que sou, abriu-me os olhos e ajudou-me a sobreviver. Não o fez com delicadezas, mas eu já não quero saber como sobrevivo, desde que sobreviva.

Dado que era mais segura do que o meu quarto barato na estalagem, mudei-me para a sua livraria. Está protegida contra a maioria dos meus inimigos com guardas ou proteções e um sortido de feitiços, e constitui

³ Calão irlandês para algo como “diversão desenfreada”. (N. da T.)

um bastião no limiar daquilo a que chamo uma Zona Negra: uma área que foi tomada pelas Sombras, amorfos Unseelie que medram na escuridão e sugam a vida aos seres humanos.

Juntos temos batalhado contra os monstros. Ele salvou-me a vida por duas vezes. Temos partilhado o seu quê de perigosa luxúria. Ele anda à procura do *Sinsar Dubh* — um livro velho de um milhão de anos da mais negra magia imaginável, que teve por escriba o próprio Rei Unseelie, e que detém a chave para o poder sobre ambos os mundos dos Fae e do Homem. Eu quero-o pois foi desejo da Alina ao morrer que eu o descobrisse, e suspeito que ele detém a chave para salvar o nosso mundo.

Ele diz querê-lo porque coleciona livros. Pois.

V'lane é outra história. É um Príncipe Seelie, e um Fae Morte-Pelo-Sexo, a respeito de quem não tardarão a saber mais. Os Fae consistem em duas cortes adversárias com as suas próprias Casas Reais e castas únicas: a Corte da Luz ou Seelie, e a Corte das Trevas ou Unseelie. Não se deixem iludir pelo folclore luz e escuridão. Ambos são mortíferos. Contudo, os Seelie consideraram os Unseelie *tão* mortíferos que os aprisionaram há sensivelmente setecentos mil anos. Quando um Fae teme outro, é de ficar com medo.

Cada corte tem as suas Relíquias, ou objetos sagrados de poder imenso. As Relíquias Seelie são a lança (que eu tenho), a espada, a pedra e o caldeirão. As Relíquias Unseelie são o amuleto (que eu tinha e o Grande Mestre me tirou), a caixa, as Pratas de Deslizar, e o tão procurado Livro. Todas elas têm diferentes propósitos. Alguns, conheço-os; quanto a outros, não estou assim tão elucidada.

Tal como Barrons, V'lane anda à procura do *Sinsar Dubh*. Anda à caça dele para a Rainha Aoibheal dos Seelie, que dele necessita para reforçar as paredes entre os reinos dos Fae e do Homem, e impedir que venham abaixo. Tal como Barrons, salvou-me a vida. (E deu-me igualmente alguns dos mais intensos orgasmos de toda ela.)

O Grande Mestre é o assassino da minha irmã; aquele que a seduziu, usou e destruiu. Nem exatamente Fae, nem exatamente humano, tem vindo a abrir portais entre os reinos, trazendo, através deles, os Unseelie — os piores dos Fae — para o nosso mundo, largando-os à solta e ensinando-os a infiltrarem-se na nossa sociedade. Ele *quer* as paredes desmoronadas de modo a poder libertar todos os Unseelie da sua prisão gelada. Anda igualmente à procura do *Sinsar Dubh*, embora eu não esteja certa porquê. Penso que poderá andar no seu encaço para o destruir, de modo a que ninguém possa de novo reconstruir as paredes.

É aí que eu entro.

Estes três poderosos e perigosos homens *precisam* de mim.

Eu não só posso ver os Fae, como posso pressentir os objetos e Relíquias

Fae. Sinto o *Sinsar Dubh* algures por aí, um tenebroso e pulsante coração de puro mal.

Posso dar-lhe caça.

Posso descobri-lo.

O meu pai diria que isso faz de mim o jogador de ouro da temporada.

Toda a gente me quer. Por isso me mantenho viva num mundo em que a morte diariamente me assombra a soleira da porta.

Tenho visto coisas que vos deixariam a pele arrepiada. Tenho visto coisas que me deixam a pele arrepiada *a mim*.

Mas isso não é agora importante. O que é importante é começar no lugar certo — deixa cá ver... onde é que era?

Folheio para trás as páginas da minha memória, uma de cada vez, semicerrando os olhos de modo a não ter de as ver com demasiada nitidez. Volto atrás, para lá daquela branca nuvem polar em que todas as memórias se desvanecem temporariamente, para lá daquele infernal Dia das Bruxas, e das coisas que Barrons fez. Para lá da mulher que eu matei. Para lá da parte de V'lane me perfurar a carne da língua. Para lá do que eu fiz a Jayne.

Ali.

Deço direita a uma rua escura, húmida e lustrosa.

Lá estou eu. Linda de cor-de-rosa e dourado.

Estou em Dublin. É de noite. Caminho pelo pavimento calcetado de Temple Bar. Estou viva, vibrantemente viva. Nada como um recente roçar pela morte para nos fazer sentir maiores que a vida.

Tenho uma centelha nos olhos e energia nos passos. Uso um vestido cor-de-rosa de arrasar com os meus sapatos favoritos de salto alto, e tenho uma profusão de acessórios, de ouro e ametista rosa. Caprichei no penteado e na maquilhagem. Vou encontrar-me com Christian MacKeltar, um *sexy* e misterioso jovem escocês que conheceu a minha irmã. Sinto-me *bem* para variar.

Bom, pelo menos por um tempinho que seja.

Acelero a cena para uns momentos depois.

Agora estou agarrada à cabeça e a cambalear do passeio para fora, para a sarjeta. Caio de gatas. Acabo de estar mais perto do *Sinsar Dubh* do que alguma vez estive, e ele está a ter o habitual efeito em mim. Doloroso. Debilitante.

Já não estou assim tão bonita. De facto, estou com um ar positivamente desgraçado.

De gatas numa poça que cheira a cerveja e urina, estou gelada até aos ossos. Tenho o cabelo todo emaranhado, o gancho de ametista caído contra o nariz, e desato a chorar. Arredo o cabelo do rosto com uma mão imunda

e observo o quadro que ante mim se desenrola, com olhos esbugalhados de horror.

Lembro-me desse momento. De quem eu era. Do que não era. Capturo-a numa imagem fixa. São tantas as coisas que lhe diria.

Cabeça erguida, Mac. Mantém-te firme. Vem aí tempestade. Não ouves o clamor de agudos cascos ao vento? Não sentes a friquidez que te embota a alma? Não cheiras a pungência do sangue na brisa?

Corre, dir-lhe-ia. Esconde-te.

Mas eu não me daria ouvidos.

De gatas, a ver aquela... *coisa*... a fazer o que faz, estou sob a influência repressora de uma corrente subterrânea mortal.

Relutantemente, fundo-me com a memória, deslizo-lhe para dentro da pele...



1

Ador, Deus, a *dor!* Vai abrir-me o crânio em dois!
Agarro a cabeça com as mãos molhadas e fedorentas, determinada a mantê-la intacta até que ocorra o inevitável — desmaiar.

Nada se compara à agonia que o *Sinsar Dubh* me provoca. De cada vez que me aproximo dele, acontece a mesma coisa. Fico imobilizada de uma dor crescente até que perco a consciência.

Barrons diz que isso é porque o Livro Negro e eu somos ponto e contraponto. Que ele é tão maléfico, e eu tão pura, que ele me repele violentamente. A sua teoria é que de algum modo me “dilua”, me torne ligeiramente maléfica de modo a poder aproximar-me dele. Não vejo como é que tornar-me maléfica de modo a poder aproximar-me o suficiente para apanhar um livro maléfico possa ser boa coisa. Penso que provavelmente faria coisas maléficas com ele.

— Não — choramingo, chapinhando de gatas na poça. — Por favor... não! — Não aqui, não agora! Das outras vezes, de cada vez que me aproximara do Livro, Barrons estava comigo, e tivera o conforto de saber que ele não deixaria que nada de demasiado pavoroso acontecesse ao meu corpo inconsciente. Ele bem podia carregar-me por aí como uma vara divinatória, que eu era capaz de viver com isso. Nessa noite, contudo, estava sozinha. A ideia de estar vulnerável a tudo e mais alguma coisa nas ruas de Dublin por uns instantes que fosse aterrorizava-me. E se eu perdesse os sentidos por uma hora? E se caísse de cara na vil poça em que me encontrava, e me afogasse em meros centímetros de... *ugh*.

Tinha de sair da poça para fora. Não morreria de forma tão patética.

Um vento glacial uivava pela rua abaixo, fustigante por entre os edifícios, gelando-me até aos ossos. Jornais velhos, sujos e húmidos esvoaçavam por cima de garrafas partidas, copos e embalagens abandonados. Esbracejei na imundície e agarrei-me ao pavimento com as unhas, deixando as pontas partidas nas fendas entre as pedras.

Centímetro a centímetro, arrastei-me à custa de garras para terreno mais seco.

Lá estava ele — bem à minha frente: o Livro Negro. Podia senti-lo, a

cinquenta metros do local onde eu lutava para me apoiar. Talvez menos. E não era apenas um livro. Oh, não. Nada de tão simples assim. Pulsava tenebrosamente, crestando-me as arestas da mente.

Porque não perdia eu os sentidos?

Porque não tinha esta dor *fim*?

Sentia-me a morrer. A saliva inundava-me a boca formando-me espuma nos lábios. Queria desesperadamente vomitar mas não conseguia. Até o meu estômago estava preso de dor.

Gemendo, tentei levantar a cabeça. Tinha de o ver. Já estivera antes perto dele, mas nunca o tinha *visto*. Desmaiara sempre primeiro. Se é que não ia perder a consciência, tinha perguntas que gostava de ver respondidas. Nem sequer sabia como ele era. Quem o tinha? O que faziam com ele? Porque estava eu sempre a praticamente roçar por ele?

Estremecendo, fiz força para me pôr de joelhos, afastei uma madeixa de cabelo pestilento do rosto, e olhei.

A rua que apenas momentos antes fervilhara de turistas, fazendo o seu alegre périplo da porta aberta de um bar para a seguinte, estava agora limpa pelo fustigar do tenebroso vento ártico. As portas tinham sido fechadas de rompante, a música silenciada.

Deixando-me apenas a mim.

E a *eles*.

A visão à minha frente não era de todo o que esperara.

Um homem armado tinha um amontoado de gente encurralada contra a parede de um edifício, uma família de turistas, com as máquinas fotográficas penduradas aos pescoços. O cano de uma arma semiautomática reluzia ao luar. O pai vociferava, a mãe gritava, tentando reunir três crianças pequenas nos braços.

— Não! — berrei. Pelo menos penso que o fiz. Não estou certa de ter mesmo emitido um som. Tinha os pulmões comprimidos de dor.

O homem armado disparou uma rajada de balas, silenciando-lhes os gritos. Matou a criança mais nova em último lugar — uma delicada menina loira de quatro ou cinco anos, com esbugalhados olhos imploradores que me haveriam de assombrar até ao dia da minha morte. Uma menina que eu não pudera salvar por nem o corno da ponta de um dedo conseguir *mexer*. Paralisada por membros inertes de dor, apenas pude ficar ali de joelhos, gritando por dentro.

Porque estava isto a acontecer? Onde estava o *Sinsar Dubh*? Porque não podia eu vê-lo?

O homem voltou-se, e eu inalei bruscamente.

Tinha um livro enfiado debaixo do braço.

Um livro perfeitamente inócuo de capa dura, com umas trezentas e

cinquenta páginas de espessura, sem sobrecapa, de um cinzento-pálido com lombada encarnada. O tipo de livro de capa dura mais que manuseado que se encontraria em qualquer alfarrabista de qualquer cidade.

Olhei embasbacada. Deveria supostamente acreditar que *aquele* era o livro vetusto de um milhão de anos da mais negra magia imaginável, que teve por escriba o Rei Unseelie? Deveria supostamente isto ter graça? Que coisa mais anticlímax. Que coisa mais absurda.

O homem armado olhou de relance para a sua arma com uma expressão confusa. Depois girou a cabeça de volta para os corpos caídos, para o sangue e pedaços de carne e osso espalhados pela parede de tijolo.

O livro caiu-lhe de debaixo do braço. Pareceu tombar em câmara lenta, mudando, transformando-se, à medida que rolava, feito numa bola, para o tijolo húmido e reluzente. Quando finalmente embateu no pavimento calcetado com um pesado *baque*, mais do que um simples livro de capa dura, era um calhamaço negro maciço, com quase trinta centímetros de espessura, com runas gravadas, preso com bandas de aço e intrincados cadeados. Exatamente o tipo de livro que eu esperava: antigo e com ar maléfico.

Inspirei uma golfada de ar.

Agora o espesso calhamaço negro estava a mudar outra vez, tornando-se numa coisa nova. Rodopiou num torvelinho, retirando substância do vento e da escuridão.

No seu lugar emergiu uma... *coisa*... da mais... terrível essência e negrume. Uma... de novo só posso dizer *coisa*... tenebrosamente animada... que existia para além de forma ou nome: uma criatura malformada brotando de uma qualquer terra de ninguém de estilhaçada sanidade e entrecortada algaravia.

E *viva*.

Não tenho palavras para a descrever, pois nada existe no nosso mundo que se lhe possa comparar. Congratulo-me de que nada exista no nosso mundo que se lhe possa comparar, pois se devesse existir algo no nosso mundo que se lhe comparasse, não estou certa de que o nosso mundo existisse.

Apenas lhe posso chamar a Besta, e ficar por aí.

A alma arrepiou-se-me, como que percecionando a um nível visceral que o meu corpo não era nem de longe proteção bastante para ela. Não proteção para isto.

O homem armado olhou para a coisa, e a coisa olhou para o homem armado, e ele virou a arma contra si próprio. Encolhi-me ao som de mais disparos. O atirador soçobrou no pavimento e a arma rolou com estrépito.

Nova rajada de vento gelado soprou pela rua abaixo, e senti movimento na periferia em meu redor.

Uma mulher surgiu da esquina como que respondendo a um chamado, olhou inexpressivamente para a cena por uns momentos, e caminhou então como que drogada direita ao livro caído (*besta agachada com membros impossíveis e focinho ensanguentado!*) que abruptamente não apresentava já antigos cadeados nem bestial forma, mas mais uma vez se mascarava de inocente livro de capa dura.

— Não lhe toque! — gritei, arrepiada com pele de galinha ante a ideia. Ela inclinou-se, pegou nele, enfiou-o debaixo do braço e virou costas.

Gostaria de dizer que partiu sem olhar para trás, mas não o fez. Olhou de relance por sobre o ombro, *diretamente para mim*, e a sua expressão suprimiu o pouco alento que me inflava os pulmões.

O mais puro mal fixava-me dos seus olhos para fora, uma manhosa, insondável malevolência que me *conhecia*, que entendia coisas a meu respeito que eu não entendia, e que jamais quereria saber. Um mal que celebrava a sua existência a cada oportunidade que tinha de semear caos, demolição e fúria psicótica.

Ela sorriu, um sorriso horrendo, pondo a nu centenas de pequenos dentes pontiagudos.

E eu tive uma dessas súbitas epifanias.

Lembrei-me da última vez que me aproximara do *Sinsar Dubh* e por ele passara, e de ler no dia seguinte sobre o homem que matara a sua família inteira, arremessando-se então para dentro de um aterro a uns *meros quarteirões* do lugar onde eu perdera a consciência. Todas as pessoas entrevistadas haviam dito a mesma coisa — o homem não o poderia ter feito, não fora ele, agira como alguém possesso ao longo dos últimos dias. Lembrei-me da torrente de repulsivas notícias que ultimamente faziam eco do mesmo sentimento, fosse qual fosse o brutal crime — *não foi ele/ela; ele/ela jamais o faria*. Fitei a mulher que não era já quem ou o que fora quando dobrara a esquina e desembocara nesta rua. Uma mulher possessa. E entendi.

Não *eram* aquelas pessoas que cometiam os crimes terríveis.

A Besta estava agora dentro dela, detendo o controlo. E nela manteria o controlo até se ter farto de a usar, altura em que a descartaria e passaria à sua próxima vítima.

Estivéramos tão enganados, eu e Barrons!

Acreditáramos que o *Sinsar Dubh* estava na posse de alguém com um plano cabal, que o transportava de lugar em lugar com um propósito, alguém que estava a fazer uso dele para alcançar determinadas metas ou a guardá-lo, tentando impedir que caísse nas mãos erradas.

Mas ele não estava na posse de ninguém com um plano, cabal ou não, e não estava a ser movido.

Estava a *mover-se*.

Passando de um par de mãos para outro, transformando cada uma das suas vítimas numa arma de violência e destruição. Barrons contara-me que as Relíquias Fae tinham tendência a assumir vida e propósito próprios com o tempo. O Livro Negro tinha um milhão de anos. Era muito tempo. Assumira certamente alguma espécie de vida.

A mulher desapareceu para lá da esquina, e eu caí no pavimento como uma pedra. De olhos fechados, e arquejando com falta de ar. À medida que a mulher/a coisa mais se distanciavam, eclipsando-se na noite onde só Deus sabia o que fariam a seguir, a minha dor começou a abrandar.

Era a mais perigosa Relíquia jamais criada — e estava à solta no nosso mundo.

Coisa arrepiante era que, até essa noite, a coisa não estivera ciente de mim.

Estava agora.

Olhara para mim, vira-me. Não podia explicá-lo, mas sentia que de alguma forma me *marcara*, anilhara-me qual pombo-correio. Eu fitara o abismo e o abismo fitara-me de volta, tal como o meu pai sempre dizia que acontecia: *Queres saber da vida, Mac? É simples. Continua a observar arcos-íris, querida. Continua a observar o céu. Encontras aquilo que procuras. Se fores à caça do bem no mundo, encontrá-lo-ás. Se fores à caça do mal... bem, não vás.*

Que idiota, cismeí, enquanto me arrastava para cima do passeio, decidira dar-me, a *mim*, poderes especiais? Que louco me julgara capaz de fazer alguma coisa relativamente a problemas de tal enormidade? Como podia eu *não* dar caça ao mal quando era uma das poucas pessoas capazes de o ver?

Os turistas afluíam de novo à rua. As portas dos bares abriam-se. A escuridão arrepiava caminho. A música começava a tocar, e o mundo tornava à vida. Das paredes de tijolo ecoavam risadas. Interroguei-me em que mundo viveriam *eles*. Seguramente não era no meu.

Alheada de todos, vomitei até que os meus espasmos nada mais tivessem para expelir. E depois fiz por vomitar até que nem bÍlis restasse para expelir.

Fiz um esforço para me pôr em pé, passei as costas da mão pela boca, e mirei o meu reflexo na janela de um pub. Estava suja, estava encharcada e fedia. O meu cabelo era uma pasta de cerveja e... *oh!* Nem queria imaginar de que mais. Nunca se sabe o que se pode encontrar numa sarjeta no bairro da farrá de Dublin. Levei a mão ao gancho do cabelo, arredei-o para trás e preendi-o na nuca onde não me pudesse tocar a cara.

O meu vestido estava rasgado, faltavam-me dois botões da parte da

frente lá em baixo, partira o salto do sapato direito e tinha os joelhos esfolados e a sangrar.

— Ali está uma miúda que dá todo um novo sentido à expressão cair que nem um cacho, hein? — casquinou um homem de passagem. Os amigos riram-se. Eram uma dúzia deles, usando faixas vermelhas de *smoking* e laços sobre calças de ganga e camisolas de malha. Uma despedida de solteiro, num jubiloso desvario de celebração à testosterona. Passaram-me ao largo.

Mal imaginavam eles.

Fora realmente apenas há vinte minutos que eu sorrisse aos transeuntes? Caminhando por Temple Bar, sentindo-me viva e atraente, e pronta para o que quer que fosse que o mundo decidisse mandar-me a seguir? Vinte minutos antes, eles ter-me-iam rodeado, namoriscado comigo.

Dei uns passos enviesados, tentando andar como se não me faltassem nove centímetros de salto debaixo do calcanhar direito. Não era fácil. Todo o corpo me doía. Embora a dor da proximidade do Livro continuasse a regredir, sentia-me contundida da cabeça aos pés, de ter sido esmagada no seu torno. Se essa noite redundasse em algo semelhante à última vez em que com ele me deparara, a cabeça ficaria a martelar-me durante horas e a doer embotada durante dias. A minha visita a Christian MacKeltar, o jovem escocês que conhecera a minha irmã, iria ter de esperar. Olhei em meu redor à procura do salto perdido. Nem sinal dele. *Adorava* aqueles sapatos, bolas! Andara a poupar meses para os comprar.

Suspirei interiormente e disse de mim para mim para esquecer. De momento, tinha problemas maiores em mente.

Eu não desmaiara.

Estivera a cinquenta metros do *Sinsar Dubh*, e permanecera consciente o tempo todo.

Barrons ia ficar todo satisfeito. Deleitado, até, embora deleite seja uma expressão difícil de ler naquele rosto sombrio e impressionante. Esculpido de pura selvajaria por um escultor-prodígio, Barrons é um retorno atávico a um tempo sem lei, e tem um ar tão estoicamente primitivo como é o seu comportamento.

Ao que parecia, os acontecimentos recentes tinham-me “diluído”, e estava agora mais parecida com o Livro.

Maléfica.

No caminho de volta para a livraria, começou a chover. Fi-lo mancando miseravelmente. Odeio chuva. Por muitas razões.

Primeira, é molhada, fria e detestável, e molhada e com frio já eu estava.

Segunda, o Sol não brilha quando está a chover e eu sou uma empedernida adoradora do Sol. Terceira, ela torna Dublin à noite ainda mais escura que de costume, e isso significa que os monstros mais se afoitam. Quarta, faz com que eu precise de chapéu de chuva e, quando se anda com chapéu de chuva, há a tendência de o empunharmos bem baixo e nos encolhermos atrás dele, especialmente se a chuva nos é soprada na cara. Eu não sou diferente. E isso significa que não se pode ver o que vem direito a nós, o que numa rua buliçosa geralmente resulta em pessoas aos encontrões umas às outras com resmungos a pedir desculpa, ou imprecensões reprimidas, e em Dublin significa que eu podia chocar contra um Fae (os seus encantamentos não me repelem fisicamente como fazem às outras pessoas) e deixar-me trair, tudo o que redundava em que: quando chove aqui, não uso chapéu de chuva.

O que não seria assim tão mau não fosse chover aqui *todo o estuporado tempo*.

O que significa que fico completamente encharcada e isso leva-me à quinta coisa que odeio no que respeita à chuva: a maquilhagem escorre-me e o cabelo fica-me feito numa esfregona de remoinhos.

Mas cada nuvem tem de facto o seu lado luminoso, pelo que, após uma boa e completa ensopadela, pelo menos deixei de cheirar tão mal.

Virei para a minha rua. Não é propriamente a minha rua. A *minha* rua fica a seis mil e quinhentos quilómetros de distância no Sul profundo e rural. É uma soalheira e verdejante rua, ladeada de magnólias de folhas cerosas, resplandecentes azáleas e altaneiros carvalhos. Na minha rua não chove o tempo todo.

Só que não posso ir para casa agora, por medo de conduzir os monstros de volta para Ashford comigo, e, dado que preciso de algum lugar a que chamar meu, esta rua chuvosa, sombria e lúgubre terá de servir.

Ao acercar-me da livraria, vistoriei cuidadosamente a fachada do edifício do Velho Mundo, de quatro pisos. Holofotes exteriores montados à frente, atrás e dos lados banhavam de luz o alto edifício de tijolo. O letreiro pintado de cores garridas com “Barrons Books and Baubles” caindo na perpendicular do edifício, suspenso de uma elaborada vara de bronze sobre o passeio, rangia soprado pela brisa noturna cada vez mais frígida. O sinal luminoso nas antiquadas janelas matizadas de verde emitia um suave brilho néon: FECHADO. Candelabros de parede de cor âmbar iluminavam a profunda arcada de pedra calcária da imponente entrada recuada. As portas de cerejeira ornamentadas de vitrais, aninhadas entre os pilares de pedra, brilhavam à luz.

Estava tudo bem com a minha “casa”. As luzes estavam acesas, o edifício protegido das minhas mortíferas vizinhas. Detive-me e fitei por um

momento o fundo da rua, a zona abandonada, certificando-me de que nenhuma Sombras tinham invadido território meu.

A Zona Negra na orla da Barrons Books and Baubles é a maior que eu vi até à data (e a maior que espero alguma vez ver!), abrangendo mais de vinte quarteirões da cidade, a abarrotar até mais não de letais sombras negras. Duas coisas caracterizam uma Zona Negra: escuridão e morte. Criaturas da noite, as Sombras devoram tudo o que vive, desde gente a relva, a folhas, até mesmo aos vermes no solo, deixando para trás uma terra devastada.

Agora mesmo, moviam-se irrequietas, contorcendo-se como moscas presas em fita-cola, desesperadas por trocar as suas trevas inanimadas pelas férteis e bem iluminadas vizinhanças mais além.

De momento estava a salvo. As Sombras não toleram luz, e, junto à livraria, eu estava banhada por ela. Contudo, vagueasse eu uns seis metros rua abaixo, direita ao negrume onde os candeeiros de rua estavam todos apagados, estaria morta.

Estou obcecada com as minhas vizinhas. São vampiros no mais verdadeiro sentido da palavra. Tenho visto o que fazem às pessoas. Consomem-nas, deixando apenas pilhas de roupa, joias e outros objetos inanimados, encimadas por cascas secas finas como papel, seja de que matéria humana for que julguem desagradável ao palato. Como deixar de lado a casca de um camarão, calculo; parte de nós é difícil de roer para o gosto delas. Nem mesmo eu posso matá-las. Não têm real substância, o que torna as armas inúteis. A única coisa que funciona contra elas é a luz, e não as mata, apenas as mantém ao largo. Sustida por todos os lados pelas luzes dos bairros vizinhos, esta Zona Negra mantivera-se sensivelmente do mesmo tamanho durante vários meses. Eu sei; patrulho o seu perímetro regularmente.

Não se sendo vidente de *sidhe*, nem sequer se pode vê-las. As pessoas que morrem numa Zona Negra jamais conhecem o rosto do seu algoz. Não que as Sombras tenham rosto. “Incaracterístico” é o seu nome do meio. Mesmo quando se é vidente de *sidhe*, elas são difíceis de discernir na noite, nem que se saiba o que se procura. Mais escuras que a escuridão, como nevoeiro negro de breu, elas esgueiram-se e deslizam, serpenteando por sobre os edifícios, escorrendo por goteiras abaixo, enroscando-se em torno de candeeiros de rua partidos. Conquanto nunca tenha estado suficientemente perto para testar o meu palpite e espere jamais vir a estar, julgo que são frias.

São de todas as formas e tamanhos, variando de tão pequenas como gatos a tão grandes como...

Pestanejei.

Seguramente *aquela* não era a mesma que me tinha encurralado na

sala dos fundos na noite em que Fiona, a antiga encarregada da livraria, me tentara matar, deixando entrar uma horda delas enquanto eu dormia! Da última vez que a vira, sensivelmente há cinco semanas, contando com o mês que perdera em Faery, ela tinha uns seis metros de comprimento e uns dois e setenta de altura. Tinha agora o *dobro* do tamanho, uma densa nuvem de oleosa escuridão estendendo-se a quase toda a extensão do edifício abandonado adjacente à Barrons.

Será que cresciam alimentando-se de nós? Poderia alguma adquirir o tamanho de uma vila ou pequena cidade? Talvez abater-se sobre ela e engoli-la inteira?

Olhei fixamente. Para uma coisa destituída de rosto, certamente parecia estar a fixar-me de volta. Rechaçara-a já com um gesto feio por uma ou duas vezes. Da última vez que a vira, ela adquirira uma forma quase humana e disparara o insulto de novo para mim.

Não iria ensinar-lhe quaisquer truques novos.

Dei a mim própria um brusco abanão, e imediatamente me arrependi. A cabeça doeu-me tanto que senti o cérebro amachucado, e apenas o sacudira de um lado ao outro contra as paredes do crânio. Conquanto a chuva tivesse finalmente parado — ou, mais propriamente, manifestado um desses mais que breves hiatos de Dublin —, eu estava molhada e congelada, e tinha coisas melhores para fazer do que ficar aqui fora a cismar num dos meus muitos inimigos. Coisas como engolir um frasco de aspirinas, e pôr-me debaixo de um chuveiro a ferver. Coisas como desanuviar a cabeça de modo a poder considerar as ramificações do que vira nessa noite, e dar com Barrons para lhe contar tudo. Não tinha dúvidas de que ficaria tão atônito como eu estava com o método de locomoção do Livro. Que negra lista de prioridades teria ele? Seriam o caos e violência fortuita propósito bastante?

Ao chegar ao vão da entrada e começar a remexer na mala à procura das chaves, ouvi passos atrás de mim. Olhei de relance por sobre o ombro e franzi o cenho.

O Inspetor Jayne juntou-se a mim na arcada, limpando a chuva do casaco com uma mão enluvada. Eu passara por ele há pouco na rua, a caminho de me encontrar com Christian, antes de me deparar com o *Sinsar Dubh*. Ele lançara-me um olhar com promessa de assédio, mas eu imaginara ter pela frente um ou dois dias antes que ele aparecesse a cumpri-la.

Não tive tal sorte.

Alto e corpulento, com cabelo castanho impecavelmente penteado para um lado, tinha o rosto escarpado contraído em linhas agrestes. Cunhado do falecido Inspetor Patty O'Duffy — o inspetor que originalmente se encarregara do caso relativo ao assassinato da minha irmã, e a quem tinham cortado a garganta enquanto segurava na mão um pedaço de papel com

o meu nome nele —, Jayne tinha-me recentemente recambiado para a esquadra da *Garda* e aí me mantivera todo o dia por suspeita de homicídio. Tinha-me interrogado e feito passar fome, acusara-me de ter tido um caso com O'Duffy, e depois devolvera-me ao coração negro de Dublin, destituída das minhas lanternas repelidoras de luz, obrigando-me a ir a pé sozinha para casa. Nunca lhe perdoaria tão cruel comportamento.

Vou andar colado ao seu traseiro, dissera-me.

E bem vinha fazendo jus à sua palavra, seguindo-me, marcando terreno atrás de mim, observando cada movimento meu.

Neste momento, olhava-me de alto a baixo e bufava de repulsa. — Nem sequer vou perguntar.

— Está aqui para me deter? — disse eu friamente. Deixei de fingir que não tinha um salto partido e apoiei-me toda torta contra a porta. Doíam-me os pés e as barrigas das pernas.

— Talvez.

— Era uma pergunta de sim ou não, Jayne. Tente de novo. — Ele nada disse e ambos sabíamos o que aquilo queria dizer. — Então vá-se embora. A loja está fechada. O que faz dela propriedade privada neste preciso momento. Está a ultrapassar os seus limites.

— Ou falamos hoje, ou volto amanhã de manhã quando tiver clientes. Quer um detetive de homicídios por aqui, a interrogar-lhe a clientela?

— Não tem qualquer direito a interrogar-me a clientela.

— Eu sou a *Garda*, minha senhora. Isso dá-me todos os direitos de que preciso. Posso tornar e *tornarei* a sua vida miserável. Ponha-me à prova.

— O que quer? — rosnei.

— Está frio e húmido aqui fora. — Uniu em concha as palmas das mãos e soprou para dentro delas. — Que tal uma chávena de chá?

— E que tal ir-se foder? — Lancei-lhe um sorriso dulcíssimo.

— O quê, o meu cunhado gordo de meia-idade era suficientemente bom para si, e eu não sou?

— Eu *não* tive sexo com o seu cunhado — dardejei.

— Então que porra andava ele a fazer consigo? — dardejou ele de volta.

— Já falámos disto. Já lhe disse. Se quer interrogar-me de novo, terá de me deter, e desta vez não direi uma palavra sem um advogado. — Olhei de relance por sobre o ombro dele. As Sombras moviam-se irrequietas, vigorosamente, como que animadas pela nossa disputa. A nossa discussão parecia estar a... excitá-las. Interroguei-me se a raiva ou o drama ainda mais saborosos nos tornariam para elas. Afugentei à força o macabro pensamento da mente.

— As suas respostas não foram respostas de todo, e você sabe disso.

— Você não *quer* as verdadeiras respostas. — *Eu* não queria as verdadeiras respostas. Infelizmente, estava atolada nelas.

— Pode ser que queira, sim. Por muito... difíceis de crer... que possam parecer.

Olhei-o perscrutadora. Embora exibisse a sua habitual expressão determinada de cão abocanhando um osso, havia nela um subtil novo componente que eu vislumbrara nos olhos de O'Duffy na manhã em que me viera ver, na manhã em que morreria, um olhar cansado de *de-ser-que-o-meu-mundo-não-seja-bem-o-que-eu-pensava*. Um sinal seguro de que, tal como O'Duffy, Jayne estava prestes a começar a esquadriñar coisas que iriam provavelmente redundar na sua morte. Conquanto o método de morte de O'Duffy parecesse sugerir um assassino humano, eu não tinha dúvidas de que ele fora morto pelo que andava a apurar sobre a rapaziada nova na cidade — os Fae.

Suspirei. Só queria despir as minhas sórdidas roupas molhadas. Só queria lavar o cabelo nojento. — Deixe p'ra lá, deixa? Simplesmente deixe p'ra lá. Eu não tive nada a ver com o assassinio de O'Duffy, e não tenho nada para lhe dizer.

— Tem, sim. Sabe o que se passa nesta cidade, senhora Lane. Não sei como nem onde se encaixa nas coisas, mas sei que se encaixa. Por isso o Patty veio vê-la. Ele não passou por aqui naquela manhã para lhe *dizer* fosse o que fosse do caso da sua irmã. Veio *perguntar-lhe* alguma coisa. O que foi? O que lhe queimou os miolos de tal maneira durante toda a noite para que não pudesse esperar até segunda-feira para falar consigo, para que mandasse a família para a igreja e perdesse a missa? O que lhe perguntou o Patty na manhã em que morreu?

Ele era bom. Isso, eu concedia-lhe. Mas nada mais.

— Morrerei eu também, senhora Lane, agora que vim vê-la? — disse bruscamente. — É assim que funciona? Deveria eu ter acordado os meus filhos e dado-lhes um beijo de despedida antes de sair esta manhã? Dito à minha mulher quanto a amo?

Picada, eu disse, — Não é culpa minha que ele tenha morrido!

— Pode ser que não o tenha matado, mas pode ser que não o tenha salvado também. Respondeu às suas perguntas? Foi por isso que ele morreu? Ou, se o tivesse feito, estaria ele ainda vivo?

Fulminei-o com o olhar. — Vá-se embora.

Ele levou a mão ao bolso interior do casaco e retirou uma mancheia de mapas desdobráveis.

Desviei bruscamente o olhar, odiando todo aquele momento. Este era um *déjà vu* que eu jamais desejava revisitar.

Patty O'Duffy trouxera-me mapas também. Naquele domingo de

manhã viera ver-me à livraria, ilustrara com detalhe cartográfico uma impossibilidade gráfica, descoberta em que eu o batera por sensivelmente duas semanas: partes de Dublin já não estavam a ser impressas nos mapas. Estavam a desaparecer, obliteradas das plantas e da memória humana, como se nunca tivessem existido. Ele descobrira as Zonas Negras. Tinha vindo a patrulhá-las, a aventurar-se nelas, a um mero lusco-fusco de morrer.

Jayne inclinou-se para mim até ficar com o nariz a centímetros do meu. — Já olhou para algum destes mapas ultimamente?

Eu nada disse.

— Encontrei uma dúzia deles na secretária do Patty. Assinalou várias áreas com um círculo. Levei um bocado a perceber porquê. A Garda tem um armazém na Lisle Street a sete quarteirões daqui. Ela não consta de um único mapa publicado nos últimos dois anos.

— E daí? Onde quer chegar? Que, além de homicídio, faço parte de alguma vasta conspiração de elaboração de mapas? De que me irá acusar a seguir, maquinar para que os turistas se percam?

— Que engraçada, senhora Lane. Ontem tirei uma hora de almoço prolongada e fui à Lisle Street. Tentei apanhar um táxi, mas o motorista insistiu que não existia tal endereço e recusou-se a ir lá. Acabei por ter de ir a pé. Está interessada em saber o que vi?

— Não. Mas tenho a certeza que mo dirá de qualquer maneira — resmunguei baixinho, massajando as têmporas.

— O armazém ainda lá está, mas a cidade à sua volta parece ter sido... esquecida. Quero dizer, *completamente* esquecida. As ruas não são limpas. O lixo não é recolhido. Os candeeiros estão apagados. A água dos esgotos retrocedeu dentro das sarjetas. O meu telemóvel não apanhava lá rede. Bem no meio da cidade, não tinha uma maldita rede!

— Não estou a atingir o que tem isto a ver comigo — disse eu na minha voz mais enfadada.

Ele não me ouviu, e eu soube que ele caminhava ainda em imaginação pelas ruas desoladas e pejudas de detritos. Uma Zona Negra não parece meramente abandonada; instila morte e decomposição, faz-nos sentir viscosos à sua conta. Deixa uma marca indelével em nós. Faz-nos acordar a meio da noite, com o coração na garganta, aterrorizados no escuro. Eu durmo com todas as luzes acesas. Ando com lanternas vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Encontrei carros abandonados no meio das ruas com as portas escancaradas. Carros caros. Daqueles que são desmantelados em peças antes que o dono possa sequer regressar com gasolina. Explique lá isso — bradou ele.

— Talvez o índice criminal em Dublin esteja a diminuir — aventei, ciente da mentira que dizia.

— Está a subir em flecha. Há meses que o faz. Os meios de comunicação têm vindo a crucificar-nos à conta disso.

Bem que vinham, sim. E, depois do que eu vira nessa noite, a escalada local de crime violento era um facto em que eu estava especialmente interessada. Uma ideia germinava-me na cabeça.

— Havia pilhas de roupa do lado de fora dos carros com carteiras dentro dos bolsos. Algumas delas estavam recheadas de dinheiro, mesmo à espera de serem roubadas. Por Cristo, dei com dois *Rolex* no passeio!

— Apanhou-os? — perguntei com interesse. Sempre quisera um *Rolex*.

— Mas sabe o mais estranho de tudo, senhora Lane? Não havia pessoas. Nem uma única. Como se toda a gente tivesse concordado em desertar, exatamente à mesma hora, vinte e tal quarteirões da cidade, mesmo a meio de fosse o que fosse que faziam, sem levarem consigo uma só coisa, nem carros, nem sequer roupas. Teriam debandado todos nus?

— Como hei de eu saber?

— Está a acontecer aqui mesmo, senhora Lane. Falta uma área nestes mapas mesmo ao lado da sua livraria. Não me diga que nunca olha para aquele lado quando sai.

Encolhi os ombros. — Não saio muito.

— Eu ando a segui-la. Sai o tempo todo.

— Sou muito metida comigo, Inspetor. Raramente olho à minha volta.

— Olhei de relance para trás dele, pela décima segunda vez. As Sombras comportavam-se ainda ao seu modo sombrio, encurraladas na sua escuridão, lambendo os seus finos, negros, detestáveis beijos de Sombra.

— Uma ova. Eu interroguei-a. É esperta e perspicaz, e está a mentir.

— Tudo bem, explique você. O que acha que aconteceu?

— Não sei.

— Ocorre-lhe alguma coisa que possa explicar o que descobriu?

Um músculo contraiu-se-lhe no maxilar. — Não.

— Então o que espera que eu lhe diga? Que maléficas criaturas da noite tomaram Dublin de assalto? Que estão algures por aí — estendi o braço para a direita — e andam a comer gente e a deixar as partes de que não gostam para trás? Que clamaram certos territórios como seus, e que se formos estúpidos bastante para nos aventurarmos a pé ou de carro nalgum, morreremos? — Pronto, ali estava o mais próximo de um aviso que eu podia fazer.

— Não seja tola, senhora Lane.

— O mesmo digo eu, Inspetor — disse bruscamente. — Quer o meu conselho? Mantenha-se longe de lugares que não se encontrem nos mapas. Agora vá-se *embora*. — Virei-lhe costas.

— Isto ainda não acabou — disse ele, tenso.

Ao que parecia, ultimamente, toda a gente me dizia o mesmo. Não,

certamente que não acabara, mas tinha o pressentimento de que sabia como iria acabar: com mais uma morte na consciência a ocupar as minhas noites já insones. — Deixe-me em paz, ou vá arranjar um mandado. — Fiz deslizar a chave na porta e destranquei-a. Ao abri-la, olhei por sobre o ombro.

Jayne estava espedado no passeio, praticamente no mesmíssimo lugar que eu ocupara cinco minutos antes, fitando a área adjacente abandonada, com as sobranceiras erguidas e a testa franzida. Ele não o sabia, mas as Sombras fitavam-no de volta, daquele seu jeito destituído de rosto e de olhos. Que havia eu de fazer se ele se encaminhasse para lá?

Sabia a resposta e odiava-a: sacaria das lanternas e segui-lo-ia por ali dentro. Daria o maior dos espetáculos a salvá-lo de algo que ele não podia nem alguma vez seria capaz de ver. Provavelmente fazendo-me com isso trancar na ala psiquiátrica do hospital local em agradecimento pelo meu incômodo.

A minha dor de cabeça estava a ficar brutal. Se não tomasse aspirina quanto antes, iria descambar numa enxaqueca de vomitar.

Ele olhou para mim. Embora Jayne tivesse aprimorado aquilo a que eu chamo fâcies de polícia — um certo imperturbável escrutínio a par da paciente certeza de que a pessoa com quem se está a lidar eventualmente dará consigo feita num oito —, eu estou cada vez melhor a ler as pessoas.

Ele estava assustado.

— Vá para casa, Inspetor — disse suavemente. — Beije a sua mulher, e aconchegue os seus filhos na cama. Conte as suas bênçãos. Não vá à caça de maldições.

Ele olhou-me por um longo momento, como que debatendo critérios de cobardia, depois virou-se e desandou intempestivamente na direção de Temple Bar.

Eu soltei um enorme suspiro de alívio e entrei a mancar na livraria.

Ainda que não fosse um mais que necessitado refúgio, eu teria adorado a BB&B. Descobri a minha vocação, e não é ser vidente de *sidhe*. É dirigir uma livraria, especialmente uma que venda as melhores revistas de moda, canetas bonitas, artigos de papelaria e periódicos, e com tão requintada e elegante atmosfera. Personifica todas as coisas que eu própria sempre quis ser: elegante, com classe, refinada, com bom gosto.

O que primeiro nos impressiona ao entrarmos na Barrons Books and Baubles, além da abundância de mogno rico e reluzente e das janelas de vidros biselados, é uma ligeira e desorientadora sensação de anomalia

espacial, como se tivéssemos aberto uma caixa de fósforos e dado com um campo de futebol perfeitamente encaixado lá dentro.

A sala principal tem uns vinte metros de comprimento por quinze de largura. A metade da frente abre-se diretamente em abóbada até ao teto, com quatro grandiosos pisos. Cada nível encontra-se forrado de ornamentadas estantes de mogno, do chão ao friso do teto. Por trás de corrimãos elegantes, passadeiras rolantes dão acesso aos segundo, terceiro e quarto níveis. Escadas de mão deslizam sobre rolamentos bem oleados de uma secção para a outra.

O primeiro piso tem estantes soltas dispostas em corredores largos, à esquerda, dois acolhedores sofás, no sentido longitudinal, com uma elegante lareira esmaltada a gás (diante da qual eu passo grande parte do tempo a tentar descongelar do frígido clima de Dublin), e um balcão com uma caixa registadora à direita, atrás do qual se encontram um frigorífico, um pequeno televisor e o meu *Sound Dock*. Para lá dos varandins nos pisos superiores, ao fundo encontram-se mais livros, incluindo os muito raros, e algumas das bugigangas a que o leteiro faz menção, resguardados em expositores fechados.

Tapetes caros revestem o chão de madeira. A mobília é tipicamente Velho Mundo, sumptuosa e cara, tal como o autêntico sofá acolchoado *Chesterfield* em que gosto de me enroscar a ler. As luzes consistem em anti-gos candelabros de parede e lâmpadas embutidas de um matiz âmbar especial que banha tudo de um cálido brilho amanteigado.

Quando transponho a soleira da porta vinda das ruas frias, molhadas e desvairadas lá fora e entro na livraria, sinto que posso respirar. Quando abro portas ao público e começo a registar as compras na caixa à moda antiga que faz soar uma minúscula campainha de prata de cada vez que a gaveta se abre, a minha vida parece-me simples e boa, e posso esquecer todos os meus problemas por algum tempo.

Olhei de relance para o relógio, e descalcei os sapatos arruinados a pontapé. Era quase meia-noite. Apenas umas horas antes, estivera sentada na zona de leitura dos fundos com o enigmático dono da livraria, exigindo saber o que ele é.

Como de costume, não me dera resposta.

Não sei realmente porque me dou ao incómodo. Barrons sabe virtualmente tudo a meu respeito. Não me admiraria que tivesse algures um pequeno arquivo abrangendo toda a minha vida até à data, com fotografias impecavelmente montadas e mordazmente legendadas com todo o rigor — *vejam Mac a tomar banho de sol, vejam Mac a pintar as unhas, vejam Mac quase a morrer*.

Mas sempre que lhe faço uma pergunta pessoal, tudo o que obtenho é

um críptico “é pegar ou largar, fique ou vá”, a par de um taciturno lembrete de que ele me está sempre a salvar a vida. Como se isso fosse o suficiente para me dissuadir de perguntar e me manter na linha.

O triste facto é que em geral o faz.

Há um intolerável desequilíbrio de poder entre nós. Ele é detentor de todos os trunfos enquanto eu mal faço por me agarrar aos poucos e miseráveis duques e ternos que a vida me dá.

Bem podíamos caçar juntos OPF, ou Objetos de Poder dos Fae — objetos sagrados Fae, como as Relíquias —, lutar e matar os nossos inimigos lado a lado, e, recentemente, mesmo tentar arrancar a roupa um do outro num acesso de luxúria tão súbito e escaldante como o inesperado siroco que eu de alguma forma lhe vislumbrara na mente enquanto o beijava, mas seguramente não partilhávamos um com o outro detalhes pessoais das nossas vidas ou dos nossos compromissos. Eu não fazia ideia onde ele vivia, aonde ia quando não estava por ali, ou quando poderia fazer-se aparecido de novo. Isso incomodava-me. Imenso. Especialmente agora que sabia que poderia dar *comigo* em qualquer altura que quisesse, usando a marca que me tatuara na nuca — a sua estuporada inicial do meio, Z. Sim, já me salvara a vida. Não, isso não queria dizer que o facto tivesse de me agradar.

Despi o blusão a pingar e pendurei-o. Duas lanternas estatelaram-se no chão e rolaram por ele fora. Tinha de descobrir melhor maneira de as trazer comigo. Atravancavam-me os bolsos e estavam constantemente a cair. Receava que não tardasse a ser conhecida por “aquela miúda louca atulhada de lanternas” nas zonas de Dublin que eu frequentava.

Corri para a casa de banho nas traseiras da loja, enrolei cuidadosamente uma toalha no cabelo e passei gentilmente a mão pela maquilhagem esborratada. Havia um frasco de aspirinas lá em cima a gritar por mim. Há um mês, teria tratado imediatamente da cara. Agora, congratulava-me pelo simples facto de ter boa pele e de me ter livrado da chuva.

Saí da casa de banho e pela dupla porta que ligava a livraria à zona de residência privada do edifício, chamando por Barrons, interrogando-me se ele ainda por lá estaria. Abri as portas de par em par e verifiquei em todas as divisões do primeiro piso, mas ele não estava lá. De nada valia ir ver no segundo e terceiro pisos. Ele mantinha todas as portas fechadas. As únicas divisões abertas ficavam no quarto piso, onde eu dormia, e ele nunca lá ia acima, à exceção de uma vez, recentemente, para me vasculhar o quarto quando eu desaparecera por um mês.

Considerarei ligar-lhe do meu telemóvel, mas doía-me tanto a cabeça que vetei a ideia. Amanhã ia a mais que tempo de lhe contar o que descobrira a respeito do *Sinsar Dubh*. Conhecendo-o, se lhe ligasse nessa noite e

lhe contasse, ele far-me-ia sair de volta à caça dele, e nem pensar em ir fosse onde fosse que não direitinha para um duche a ferver e uma cama bem quente.

Começava a subir pela escada das traseiras quando algo se moveu na minha visão periférica. Voltei-me, tentando identificar o que era. Não poderia ter sido uma Sombra; estavam todas as luzes acesas. Recuei um degrau e vistoriei as divisões que me eram dadas ver. Nada se movia. Encolhi os ombros e continuei a subir.

Aconteceu de novo.

Desta vez tive uma sensação bizarra, não propriamente um formigar dos meus sentidos de vidente de *sidhe*, mas mais um prelúdio dele. Olhei de relance na direção que me incomodava: o escritório de Barrons. Depois de espreitar lá para dentro, tinha deixado a porta entreaberta. Para além dela, logrei ver a secretária ornamentada do século XV, e parte do espelho alto que enchia a parede atrás dela, entre estantes.

Aconteceu de novo e abri a boca. O reflexo prateado do espelho tinha acabado de *estremecer*.

Recuei escada abaixo, sem despregar os olhos dele. De uma posição favorável no corredor fora da divisão, observei-o por alguns minutos, mas não tornou a acontecer.

Abri a porta de rompante e entrei no escritório. Cheirava-me a Barrons. Inalei profundamente. Um vestígio de sombrio e pungente *aftershave* pairava no ar, e por um momento senti-me novamente nas grutas sob o Burren, onde quase morrera na semana passada, quando o vampiro Mallucé me raptara e me levava para o fundo dos labirínticos túneis, para me torturarem até à morte em vingança por uma repulsiva lesão que eu lhe infligira não muito depois de chegar a Dublin. Estava deitada no chão, sob o corpo selvagem e eletrizante de Barrons, rasgando-lhe a camisa de par em par, e espalmando-lhe as mãos sobre o abdómen duro e musculado, tatuado de negro e carmesim em intrincados e estrambólicos padrões. Inalando o cheiro dele a toda a minha volta. Sentindo que ele estava dentro de mim, ou eu estava dentro dele. Perguntando-me quão mais dentro dele ficaria se o deixasse entrar dentro de *mim*.

Nenhum de nós aludira a essa noite. Duvidava que ele alguma vez o fizesse. *Eu* certamente não a iria trazer à baila. Perturbava-me a níveis que não fazia menção de entender.

Foquei-me na divisão. Já uma vez antes lhe revistara o escritório. Espreitara dentro de cada gaveta, olhara para dentro do armário, bisbilhotara mesmo atrás dos livros nas estantes à caça de nem sei o quê, qualquer segredo que pudesse desenterrar a respeito do homem. Nada encontrara. Ele leva uma existência antisséptica. Duvido que ele permita que um só

cabelo seu por ali se encontre que possa hipoteticamente ser usado para uma análise ao ADN.

Dirigi-me ao espelho e passei as pontas dos dedos pelo vidro. Elegantemente emoldurado, enchia a parede do chão ao teto, e era duro e liso, feito de nada passível de estremecer.

Estremeceu debaixo dos meus dedos. Desta vez os meus sentidos de vidente de *sidhe* soaram trompetes de alarme. Afastando a mão de um golpe, recuei contra a secretária com um grito abafado.

A superfície estremecia agora num frenesi.

Saberia Barrons disto?, pensei desvairada. Claro que sabia. Barrons sabia de tudo. Aquilo estava na sua livraria. Mas, e se não soubesse? E se Barrons não fosse tão omnisciente como eu cria? E se ele fosse suscetível de ser enganado, e alguém — como, por exemplo, oh, digamos, o Grande Mestre — lhe tivesse plantado alguma espécie de espelho enfeitado no caminho, conhecendo o seu pendor para determinadas antiguidades... e Barrons o tivesse comprado, e o líder de vestes carmins dos Unseelie o espiasse através dele, ou alguma coisa assim? Como pudera eu não o sentir? Seria Fae ou não?

Um as runas esfumadas surgiram à superfície, e o perímetro do vidro escureceu abruptamente para cobalto, emoldurando o espelho com um rebordo de sete ou oito centímetros do mais puro negro.

Era definitivamente Fae! Os rebordos negros eram uma pista infalível. Fossem eles visíveis antes, eu teria sabido instantaneamente o que era o espelho, mas a verdadeira natureza do vidro fora camuflada por detrás de alguma espécie de ilusão que nem os meus sentidos de vidente de *sidhe* haviam logrado penetrar. Estivera nesta divisão meia dúzia de vezes antes e nunca sentira o mais ténue formigar. Quem era capaz de fabricar tão perfeita ilusão?

Este não era um mero espelho. Era um dos espelhos engendrados pelo próprio Rei Unseelie como meio de locomoção entre os reinos do Homem e dos Fae. Fazia parte da Relíquia Unseelie conhecida como Pratas de Deslizar, e estava na minha livraria! O que fazia ele aqui? Que mais haveria ali encoberto de mim, escondido à vista desarmada?

Eu já vira parte desta Relíquia antes. Perto de uma dúzia daquelas sobrenaturais frestas de prata com rebordos negros adornava as paredes da casa do Grande Mestre em 1247 LaRuhe, na Zona Negra. Dentro delas havia coisas terríveis. Coisas com que eu ainda tinha pesadelos. Coisas como... bem, como aquela coisa hediondamente deformada que ganhava ali agora forma ante os meus próprios olhos.

Quando eu falara a Barrons nos espelhos que vira em casa do Grande Mestre, ele perguntara se eles estavam “abertos”. Se era àquilo que ele se

referia, estavam, sim. Quando eram abertos, poderiam os monstros dentro deles vir cá para fora? Se sim, como se faria para “fechar” uma Prata de Deslizar? Seria algo tão simples de fazer como parti-la? Poderia ela *ser* partida? Antes que pudesse procurar de relance à minha volta algo com que pô-lo à prova, a coisa de membros atrofiados e dentes enormes desapareceu.

Exalei tremulamente. Entendia agora porque é que a BB&B transmitia aquela estranha sensação de distorção espacial. Sentira algo semelhante em casa do Grande Mestre, no dia em que fora à Zona Negra e descobrira que o ex-namorado da minha irmã era o Grande Vilão de Dublin, só que não somara dois e dois. Estes espelhos, estes portais de conexão interdimensional, de algum modo afetavam o espaço em seu redor.

Agora algo mais vinha aí, movendo-se nas profundezas de vidro, levantando redemoinhos de prata com o seu passo inexorável. Retrocedi para uma distância mais segura.

Sombras escuras pairavam por sobre a superfície do espelho estremeado. Sombras destituídas de definição mas com medos primitivos a reboque. Era uma daquelas alturas em que fugir provavelmente teria sido uma ideia mesmo boa, o problema é que eu não tinha sítio para onde fugir. Este *era* o meu refúgio, o meu porto seguro. Se não podia ficar aqui, não poderia estar em mais sítio nenhum.

Estava agora mais próxima, a coisa que aí vinha.

Fixei o espelho, a estreita vereda de prata desvanecendo-se em negrume nos rebordos, bordejada de árvores esqueléticas, envolta em torvelinhos de neblina ictérica, pejada de monstruosas criaturas formando-se e reformando-se nas brumas. Tresandava mais a terra devastada do que uma Zona Negra, e eu de alguma forma soube que o ar dentro do espelho era frígido, frio de morrer, física e psicologicamente. Só uma infernal e inumana meia-vida poderia resistir num lugar assim.

À medida que a forma escura deslizava pelo caminho de pesadelo abaixo, os demónios-sombra empinavam-se com berros mudos.

Mais runas esfumadas se materializaram no vidro estremeado. Eu não saberia dizer se o que se aproximava caminhava ereto, ou avançava furtivamente em quatro patas. Acaso se esgueirasse precipitadamente sobre dezenas de garras. Semicerrei os olhos, tentando identificar a sua forma, mas a doentia neblina encobria os seus atributos.

Sabia apenas que era enorme, escuro, perigoso... e estava quase aqui. Saí do escritório nas pontas dos pés, e fechei a porta, deixando a mais ínfima das frestas por onde espreitar, a postos para a fechar de rompante e fugir desalmadamente.

O espelho arrotou uma gélida golfada de ar.

Aqui estava!

Com o casaco preto comprido a ondular, Jericho Barrons saiu do espelho para fora.

Estava coberto de sangue que se lhe congelara sob a forma de uma geada carmesim nas mãos, rosto e roupa. A pele estava pálida da extrema frigeidez, e os seus olhos de meia-noite refulgiam com um brilho inumano de fera.

Nos braços carregava o corpo ensanguentado e brutalmente esfacelado de uma jovem mulher.

Não precisei de lhe sentir o pulso para saber que estava morta.

2

— **G**ostaria de falar com o Inspetor Jayne, por favor — disse para o telefone, logo de manhã cedo no dia seguinte. Enquanto esperava que ele atendesse, engoli três aspirinas com o café.

Esperara estar livre do intolerável inspetor por uns tempos, mas, depois da noite anterior, constatara que precisava dele. Concebera um plano que era simples e contudo brilhante, e apenas me faltava uma coisa para o implementar: a minha insuspeita vítima.

Após uns momentos e uma série de cliques, ouvi: — Daqui Jayne. Como posso ser-lhe útil?

— Na verdade, eu é que lhe posso ser útil a si.

— Senhora Lane — disse ele sem entusiasmo.

— A única e especial. Deseja saber o que se passa nesta cidade, Inspetor? Venha tomar chá comigo esta tarde. Às quatro. Na livraria. — Sustive-me na iminência de acrescentar, em voz grave de locutor, *e venha sozinho*. Sou produto de uma geração que vê televisão a mais.

— Às quatro seja, mas, senhora Lane, se me fizer perder tempo...

Desliguei, sem paciência para ameaças. Conseguira o que precisava. Ele viria.

Não sou grande cozinheira. A minha mãe é tão boa na cozinha, e, bem, chamemos apenas as coisas pelos nomes e acabemos com isto, até há coisa de meses eu era tão mimada e preguiçosa, que se me *tivesse* ocorrido o pensamento de fazer sozinho pela vida, prontamente o teria escorraçado a favor de me embonecar e incitado a minha mãe a fazer-me um dos meus petiscos favoritos. Não estou certa quanto a quem será mais culpado, eu por fazê-lo, ou ela por me aparar o jogo.

Desde que estou por minha conta, tenho-me fartado de comer milho, cereais, massa chinesa instantânea, e barras *snack*. Tenho uma chapa elétrica no quarto, micro-ondas e um pequeno frigorífico. É o tipo de cozinha em que me sei movimentar.

Mas hoje pusera o barrete de *chef*, embora flácido por falta de uso que

estava. Podia ter comprado o tabuleiro de pãezinhos doces e amanteigados na pastelaria ao fundo da rua, mas eu própria fizera as sanduíches, cortando pedaços do pão acabado de cozer em pequenos formatos atraentes de arestas caprichadas, preparando o recheio e espalhando a minha receita especial entre as fatias. Tinha água na boca só de olhar para os acepipes de engolir de um trago.

Olhei para o relógio de relance, verti água sobre o *Earl Grey* para fazer o chá e levei chávenas para a mesa junto à zona de leitura nas traseiras, onde crepitava alegremente um fogo, afugentando a friagem do lúgubre dia de outubro. Embora abominasse perder negócio ou quebrar a rotina, fechara a loja mais cedo pois tinha de levar a cabo este encontro numa altura em que soubesse que o meu patrão não apareceria com certeza.

Tivera um grande toque de despertar na noite anterior ao ver Jericho Barrons sair do espelho para fora.

Correra escada acima mais depressa do que um Fae a deslizar no espaço, trancara a porta do quarto e barricara-a, com o coração a martelar com tanta força que pensei que o crânio me explodisse.

Já era suficientemente mau que ele mantivesse uma Relíquia Unseelie na loja, escondida de mim, e que a usasse, provavelmente com regularidade, dado que se encontrava no seu escritório, mas... a mulher... Deus, a mulher!

Porque traria Barrons um corpo coberto de sangue nos braços cobertos de sangue? A lógica gritava: *Dah*, porque ele a matou.

Mas porquê? Quem era a mulher? De onde viera ela? Porque a traria ele da Prata para fora? O que haveria dentro daquele espelho? Examinara-o esta manhã, mas não passara mais uma vez de vidro liso e impenetrável, e fosse qual fosse o modo de lá entrar, só Barrons sabia.

E a *expressão* do seu rosto! Era a expressão de um homem que fizera algo em que encontrara, se não prazer, alguma espécie de conforto. No seu rosto havia o seu quê de... sombria satisfação.

Jericho Barrons era um homem que não seria difícil de romantizar (tirando o facto de carregar por aí corpos esfacelados, claro está). Fiona, a mulher encarregada da livraria antes de eu aparecer, estava tão cegamente apaixonada por ele que tentara matar-me para me tirar do caminho. Barrons era poderoso, sorumbaticamente bem-parecido, demencialmente rico, assustadoramente inteligente, e tinha um gosto refinado, para não mencionar um corpo rijo que emitia algum tipo de constante carga eléctrica de baixa voltagem. Resumindo: tinha estofos de herói.

E de psicótico assassino.

Se há coisa que aprendi em Dublin, é que é muito ténue a linha entre ambos.

Eu é que não ia romantizá-lo. Sabia que ele era implacável. Sei-o desde

o dia em que o conheci, e o vi a fitar-me através de todo o comprimento da livraria com olhos frios e antigos. Barrons faz exatamente e tão-só o que melhor serve Barrons. Ponto. Manter-me viva é o que melhor o serve. Ponto. Mas um dia poderá não ser o caso. Ponto de exclamação!

Porque teria ele uma Prata Unseelie no seu escritório? Onde iria ele nela? O que faria ele? Para além de carregar mulheres mortas para trás e para diante.

Os demónios-sombra no espelho tinham-se comportado tal qual as Sombras na Zona Negra quando ele a atravessara: vergando-se à sua passagem, mantendo-se bem ao largo. O próprio Grande Mestre havia-lhe lançado um olhar recentemente, e virado costas.

Quem era Jericho Barrons? *O* que era Jericho Barrons? Possibilidades inundavam-me a cabeça, cada uma pior que a outra.

Eu não tinha maneira de saber o que ele era, mas sabia o que ele não era. Ele *não era* alguém a quem eu pretendesse contar o que quer que fosse do que apurara a respeito do *Sinsar Dubh* na noite anterior. Ele guardava os seus segredos. Muito bem. Eu iria guardar o meu.

Não tinha desejo de ser a responsável por pôr Jericho Barrons e o Livro Negro juntos no mesmo sítio. Ele andava dentro de uma Relíquia Unseelie e fazia por caçar outra. Caramba, isso faria dele alguma espécie de Unseelie? Talvez um desses seres delicados e diáfanos capazes de deslizar para dentro da pele de seres humanos e tomá-los de assalto, a que eu chamava Ferrões? Seria possível que algum houvesse tomado posse dele?

Já uma vez considerara a ideia mas depressa a descartara. Agora tinha de admitir que não tinha fundamento para a pôr de lado, além de... bem... o facto de o estar a romantizar, dizendo a mim própria que Jericho Barrons era demasiado duro para ser possuído por alguém ou alguma coisa. Quem era eu para dizer que isso era verdade? Observara um Ferrão encaminhar-se direitinho para uma rapariga no Temple Bar District não há muito tempo. No momento em que ele nela entrara, eu deixara de ser capaz de pressentir o Unseelie no seu interior. Passara por humano face aos meus sentidos de vidente de *sidhe*.

E se ele trabalhasse secretamente para as forças da escuridão, ludi-briando-me tão astuciosamente como o Grande Mestre seduzira a minha irmã a dar caça ao Livro? Isso explicaria virtualmente tudo a seu respeito: a sua força inumana, o seu conhecimento dos Fae, a sua familiaridade com, e posse de, um dos Espelhos Negros, as Sombras evitarem-no, o Grande Mestre não o confrontar — afinal de contas, estariam do mesmo lado.

Deixei escapar um sopro frustrado.

A única altura em que alguma vez me sentira capaz de olhar por mim, desde que viera para Dublin, fora na noite em que Mallucé quase

me matara, e em que eu comera Unseelie para sobreviver. Repulsiva como era, a carne dos Fae conferia um grau de poder Fae à pessoa que a comia; tornava-a superforte, sarava feridas mortais, supostamente outorgava mesmo poder nas artes negras.

Sentira-me como se finalmente tivesse uma vantagem nessa noite e não necessitasse de mais ninguém para me proteger. Fora capaz de arrasar, assim como a todos os outros vilões à minha volta. Fora uma igual a Mallucé. Fora praticamente tão mortífera como o próprio Barrons, porventura *igualmente* mortífera, só que não tão bem treinada. Sentira-me finalmente uma força a ter em conta, alguém capaz de exigir respostas, de lançar o meu peso em meu redor, sem o medo constante de me magoar ou morrer.

Fora mais que estimulante. Fora libertador. Só que não podia comer Unseelie todos os dias. Tinha demasiados contras. Não só cancelava temporariamente todos os meus poderes de vidente de *sidhe*, e me tornava vulnerável à minha própria lança (a Relíquia matava fosse o que fosse Fae, mesmo que apenas ingerido; apurara-o ao ver Mallucé apodrecer), como constataria ao longo da semana anterior que comer Unseelie era viciante, e que uma só refeição era suficiente para desencadear tal vício. Mallucé não fora fraco. A sedução do poder Fae era forte. Ultimamente andava a sonhar com isso à noite. Trinçando pedaços de homens-rinoceronte vivos... mastigando... engolindo... sentindo a sua incrível e negra meia-vida a entrar-me no corpo... a eletrizar-me o sangue... a transformar-me... a tornar-me invencível de novo.

Acordei bruscamente do meu devaneio e dei com uma mimosa sanduíche prestes a entrar-me na boca. Tinha um pedaço de farinha do pão no lábio.

Atirei a sanduíche de volta para o tabuleiro, levei os petiscos para a mesa e dispu-los de forma convidativa, junto de pratos e guardanapos de papel florido que comprara no caminho de volta da pastelaria.

A Mac distinta dama sulista envergonhava-se perante a minha falta de porcelanas e pratos.

A Mac porta-lança apenas se preocupava que houvesse sobras e que não fosse desperdiçada comida. Havia gente a morrer à fome nos países do terceiro mundo.

Olhei de relance para o relógio. Se Jayne fosse um homem pontual, estaria aqui dentro de três minutos, e eu poria o meu plano em ação. Era arriscado mas necessário.

Na noite passada — por entre pesadelos em que eu perseguia o Livro e de cada vez que me aproximava dele, ele metamorfoseava-se, não na Besta, mas em Barrons — permanecera desperta, revendo e descartando ideias, até que dei com uma que até a mim impressionou pela sua esperteza.

A chave para encontrar o *Sinsar Dubh* era seguir o rasto dos mais hediondos dos crimes. Onde reinassem o caos e a brutalidade, aí seria ele encontrado. A princípio, decidira tentar deitar mãos a um rádio de polícia, mas a logística de roubar um, e monitorizá-lo vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, derrotara-me.

Aquilo de que eu precisava, apercebi-me, já o tinha.

O Inspetor Jayne.

A minha mãe dizia-me sempre para não pôr todos os ovos no mesmo cesto, e era isso exatamente que eu tinha vindo a fazer com Barrons. Quem cultivara eu como plano de salvaguarda? Ninguém. Precisava de diversificar.

Se conseguisse persuadir um dos agentes da Garda a ligar-me sempre que recebessem um relato do tipo de crime que encaixasse nos meus parâmetros, teria uma pista instantânea, sem estar amarrada a um rádio. Poderia acorrer ao local do crime, na esperança de que o Livro estivesse ainda suficientemente perto para eu o sentir, e usar os meus sentidos de vidente de *sidhe* para lhe dar com o rasto. A maior parte das informações revelar-se-ia provavelmente infrutífera, mas, mais cedo ou mais tarde, certamente haveria de ter sorte, pelo menos por uma vez.

Jayne iria ser o meu informador. Seria de perguntar como planeava eu conseguir tão monumental reviravolta na habitual relação agente de polícia/civil. Essa era a parte brilhante do meu simples plano.

Claro está, não tinha ideia do que fazer se lograsse realmente localizar o *Sinsar Dubh*. Nem aproximar-me dele podia, e se de algum modo lograsse fazê-lo, já vira o que acontecia às pessoas que nele tocavam. Ainda assim, tinha de lhe dar caça. Era uma daquelas coisas programadas nos meus genes a par do meu medo inato dos Caçadores, as reações reflexas às Relíquias, e o constante ímpeto de correr por todo o lado a avisar as pessoas a respeito dos Fae, ainda que soubesse que jamais acreditariam em mim.

Hoje, precisava que acreditassem em mim. Jayne queria saber o que se estava a passar.

Hoje, mostrar-lhe-ia.

A voz da minha consciência protestou ao de leve. Suprimi-a. Não era a consciência que iria manter-me viva.

Olhei para o tabuleiro. Veio-me água à boca. Aquelas não eram simples sanduíches de salada de ovo, atum ou frango, aquelas deliciosas confeções que tanto me esforçara por fazer, e morria agora por comer. Sonhava comer. Sôfrega como nunca me sentira por comida humana.

Aqueles pequenos e contorcionistas acepipes eram sanduíches de salada Unseelie.

E Jayne estava prestes a ter uma fantástica, descomunal, reveladora visão da sua cidade.

...

Correu tudo mais ou menos tão bem como um descarrilamento ferroviário.

O inspetor comeu apenas duas das minhas minúsculas sanduíches: a primeira porque não estava à espera que soubesse tão mal; a segunda, julgo eu, porque pensou que certamente a primeira devia ter sido um engano.

Quando finalmente estava no processo de engolir a segunda, já podia ver que as sanduíches se moviam no seu prato, e não houvera hipótese de lhe impingir uma terceira. Eu não estava certa quanto ao período de duração de tão pequena quantidade de Unseelie, mas calculei que tivesse um dia ou dois pela frente. Não lhe falara da superforça, poderes regeneradores ou perícia nas artes negras resultantes de se comer Unseelie. Só eu sabia que ele de momento tinha força bastante para me esmagar com um simples golpe.

As mãos tremiam-me quando me forçara a deitar o resto dos intocados acepipes pela retrete abaixo antes de sairmos. Pusera dois de lado, em caso de emergência. A meio caminho da porta para fora dera-me por vencida e voltara atrás a deitar esses também pelo cano. Captara um vislumbre da minha imagem no espelho, de rosto lívido face à tensão de me negar aquilo que tão desesperadamente queria, a bem-aventurada força, salvaguarda contra os meus incontáveis inimigos que vagueavam pelas ruas de Dublin, para não falar na capacidade de me manter a salvo junto de Barrons. Agarrara-me ao rebordo da retrete, vendo os pedaços de carne rodopiar no torvelinho contido pelas paredes de porcelana, até terem desaparecido.

Estávamos às portas do Temple Bar District, e eu estava exausta.

Estava com Jayne há sete longas horas, e não gostava mais dele agora do que antes de lhe dar a comer Unseelie, e forçá-lo a ver o que se passava no seu mundo.

Ele não gostava mais de mim tão-pouco. De facto, estava mais que certa de que ele iria odiar-me para o resto da sua vida pelo que lhe fizera confrontar nessa noite.

Drogara-o, insistira ele, logo depois de ter dado início à nossa pequena visita guiada aos monstros. Dera-lhe alucinogénios. Ele ia mandar-me prender por tráfico de narcóticos. Ia mandar-me expulsar da Irlanda e recambiar-me para casa para a prisão.

Ambos sabíamos que não o faria.

Tinham sido necessárias horas a conduzi-lo através de Dublin, mostrando-lhe o que havia em bares, a guiar táxis, e a explorar bancas de venda de rua, para lograr vencê-lo, mas lá conseguira finalmente. Tivera de o treinar o tempo todo quanto à forma de agir, a olhar de esguelha sem se deixar trair, a menos que quisesse acabar tão morto como O'Duffy.

Independentemente do que eu pudesse pensar dos seus métodos de lidar comigo, o Inspetor Jayne era um excelente polícia, com instintos apurados — gostasse ele ou não do que esses instintos lhe diziam. Conquanto houvesse insistido que nada daquilo era real, empregara não obstante a astúcia de vinte e dois anos de procedimento investigativo. Encarara os tristes monstros de olhos aguados e sem boca, as gárgulas de asas coriáceas e as avantajadas massas de membros deformados e carne ressumante com a perfeita impassibilidade de um descrente.

Apenas por uma vez cometera um deslize, uns minutos antes.

Eu rapidamente neutralizara e apunhalara três homens-rinoceronte na ruela escura que usáramos como atalho.

Jayne ali ficara, fitando os seus corpos de membros cinzentos, absorvendo os rostos granulados de maxilares projetados e dentes tipo presa, os olhinhos de conta e a pele de elefante, as feridas abertas, revelando carne cinzenta-rosada marmoreada de quistos cheios de pus. — Deu-me a *comer* isto? — disse por fim.

Encolhi os ombros. — Foi a única maneira que arranjei de lhe mostrar o que tinha precisão de ver.

— Havia pedaços destas... *coisas*... naquelas pequenas *sanduíches*? — A voz dele esganiçou-se; o rosto rubicundo estava pálido.

— Uh-huh.

Ele olhou para mim, a maçã de Adão em convulsão, e por um momento pensei que fosse vomitar, mas lá se controlou. — Minha senhora, que porra mais doentia de pessoa me saiu.

— Venha daí. Há mais uma coisa que quero que veja — disse-lhe eu.

— Já vi que chegasse.

— Não viu, não senhor. Ainda não. — Guardara o pior para o fim.

Concluí a nossa visita guiada no limiar de uma nova Zona Negra na margem norte do rio Liffey que eu fazia planos de patrulhar, de forma a poder assinalar os seus parâmetros no mapa que pregara na parede do meu quarto. — Lembra-se dos lugares que não conseguiu encontrar nos mapas? — disse. — Da área adjacente à livraria? Das áreas que o O'Duffy andava a verificar? É disto que se trata. — Acenei com a mão para o fundo da rua.

Jayne deu um passo direito à escuridão e eu bradei: — Não deixe a luz!

Ele deteve-se sob um candeeiro de rua e encostou-se a ele. Observei-lhe o rosto enquanto ele observava as Sombras a deslizarem esfomeadas na orla da escuridão.

— E está à espera que eu acredite que estas sombras comem gente? — disse ele por fim, crispado.

— Se não acredita em mim, vá para casa, pegue num dos seus filhos e atire-o para ali. Veja o que acontece. — Não me senti tão fria quanto soei

quando o disse, mas tinha de lhe vencer a resistência e, para o fazer, precisava de o atingir em cheio na sua vida, levar-lhe a ameaça para tão perto de casa quanto pudesse.

— Nunca mais mencione os meus filhos! — berrou ele, virando-se para mim. — Ouviu bem? Nunca mais!

— Quando o efeito se desvanecer — salientei —, deixará de saber onde se encontram as Zonas Negras. Os seus filhos poderão atravessar uma a caminho da escola, e nunca mais voltarem a casa. Irá à procura do que deles restar? Saberá sequer onde procurar? Morrerá a tentar?

— Está a ameaçar-me? — Com as mãozorras em punho, virou-se ericado para mim.

Mantive-me firme. — Não. Estou a oferecer-me para o ajudar. Estou a oferecer-lhe um acordo. Dentro de um dia, mais coisa menos coisa, não conseguirá continuar a ver nada disto. Não fará ideia de onde parará o perigo para a sua família, e ele está por todo o lado à sua volta. Eu posso mantê-lo informado. Posso dizer-lhe onde estão as Zonas Negras, onde se reúnem a maioria dos Unseelie, e qual a melhor maneira de manter a sua mulher e os seus filhos a salvo. Se isto ficar mesmo mau, posso dizer-lhe quando sair da cidade, e para onde ir. Tudo o que quero em troca é um pouco de informação. Não lhe estou a pedir que me ajude a cometer crimes. Estou a pedir-lhe que me ajude a evitá-los. Estamos do mesmo lado, Inspetor. Até esta noite, simplesmente não sabia o que se encontrava do outro lado. Agora sabe. Ajude-me a acabar com o que se passa nesta cidade.

— Isto é de loucos.

— De loucos ou não, é real. — Eu tivera igualmente dificuldade em aceitá-lo. A ponte que ligava o mundo da sanidade a esta Dublin negra e infestada de Fae levava-me vários passos vacilantes a atravessar. — Matou o O’Duffy. Deixará que o mate a si?

Ele desviou o olhar e nada disse. Nesse momento, soube que ganhara. Soube que ele me ligaria da próxima vez que um crime lhe fosse comunicado via rádio. Ele odiaria cada minuto de tudo aquilo, diria a si mesmo que estava doido, mas faria o telefonema, e isso era tudo o que eu precisava.

Deixei Jayne na esquadra da Garda em Pearse Street, assegurando-lhe que a visão não tardaria a esbater-se. Quando nos separámos, vi-lhe nos olhos a mesma expressão vazia que por vezes vislumbra nos meus.

Senti pena dele.

Mas precisava de alguém dentro da Garda, e agora já o tinha.

Além disso, se eu não lhe tivesse aberto os olhos nessa noite e forçado-o a ver o que se estava a passar, ele teria acabado morto numa questão

de dias. Andava a bisbilhotar de mais. Teria dado com um carro abandonado algures numa ruela secundária e entrado numa Zona Negra à noite, ou quem quer que houvesse cortado a garganta de O'Duffy para o silenciar teria degolado Jayne a seguir.

Ele fora um homem programado para morrer. Agora, pelo menos, tinha uma hipótese.